

A PENÍNSULA IBÉRICA EM 1212



PROGRAMA "ARTES BÉLICAS" 2017

A cada segundo domingo do mês, acompanhe três séculos de evolução das artes de combate corpo a corpo e do tiro à distância através de uma série de três episódios marcantes da história de Portugal e das suas relações com os restantes reinos da Península Ibérica, especificamente três grandes batalhas:

- Século XIII – Batalha de Navas de Tolosa (1212) (Janeiro, Abril, Julho e Outubro)
- Século XIV – Batalha de Aljubarrota (1385) (Fevereiro, Maio, Agosto e Novembro)
- Século XV – Batalha de Toro (1476) (Março, Junho, Setembro e Dezembro)

NESTA EDIÇÃO

Nesta atividade descubra os combatentes, as armas e as táticas utilizadas no campo de batalha. Venha conhecer na primeira pessoa como se movimentaram os corpos dos exércitos nesta batalha, sob orientação dos membros do Ofício Bélico!

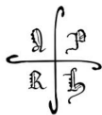
SOBRE O OFÍCIO BÉLICO

O Ofício Bélico é uma secção da Associação Portuguesa de Recriação Histórica (APRH), constituída por entusiastas da recriação histórica com particular interesse na engenharia de cerco.

Visite-nos em www.aprhistorica.pt e no Facebook.

Imagem de capa: pormenor de iluminura sobre o cerco de Antioquia durante a Primeira Cruzada (Biblioteca Nacional de França)

Ofício Bélico



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
REcriação HISTÓRICA



EGEAC

Castelo de S. Jorge, 1100-129 Lisboa, Portugal
T +351 21 880 06 20 | F +351 21 887 56 95
E-mail: info@castelodesaojorge.pt
www.castelodesaojorge.pt



DOMINGOS EM FAMÍLIA ARTES BÉLICAS



BATALHA DE NAVAS DE TOLOSA (1212) A união ibérica para combater o perigo almóada

As forças em oposição nas Navas

O heterogéneo exército liderado pelo Califa al-Nasir incluía combatentes muçulmanos de todo o império almóada reforçado com voluntários da guerra santa (*jiha*d).

Organizou-se seguindo as táticas clássicas árabes, num corpo principal de infantaria pesada protegida por arqueiros e contava com a agilidade das alas de cavalaria ligeira.

Do outro lado, Afonso VIII de Castela liderava uma coligação de combatentes de todos os reinos cristãos da Península Ibérica, voluntários europeus e ordens religiosas militares também em espírito de guerra santa (cruzada).

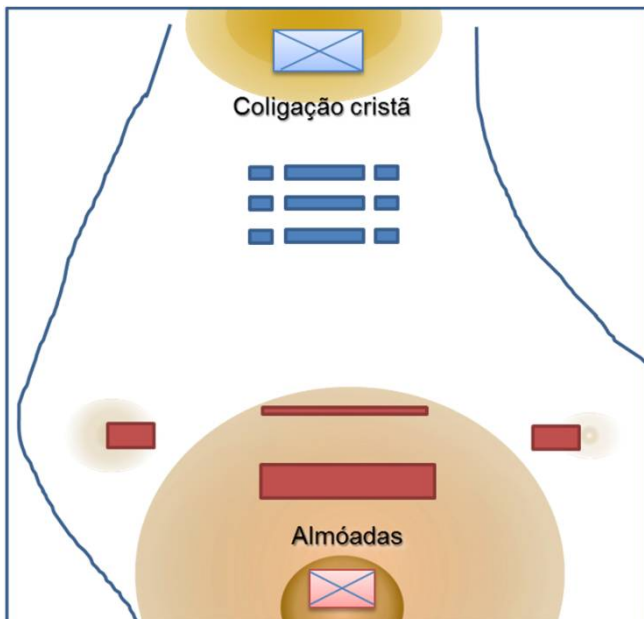
O exército, organizado em *conrois* (formações de cavaleiros e peões habituados a trabalhar em conjunto) apostava no choque frontal da cavalaria pesada.

Portugal na batalha

O rei de Portugal Afonso II, doente e envolvido numa guerra civil com as suas irmãs e emula o vizinho reino de Leão e não participa presencialmente. Ambos os reinos contribuem com forças modestas (estima-se entre 300 a 500 cavaleiros) que ficarão posicionadas no bloco do meio da vanguarda. Entre outros portugueses presentes inclui-se o Mestre da Ordem dos Templários, no bloco do meio do centro.

A Batalha de Navas de Tolosa

Posição inicial e disposição dos corpos dos exércitos.



Cavaleiro cristão



Este combatente destaca-se pelo uso da cota de malha, a armadura mais difundida deste período entre as elites guerreiras da Península Ibérica. Este género de proteção era normalmente complementada com o uso de um gibão acolchoado e um escudo (adota-se nesta altura o escudo de formato triangular). Qualquer combatente profissional deste período usaria também um capacete, como um capelo de nasal (hemisférico ou cónico, como abaixo) ou um elmo (cilíndrico, como à esquerda). A cota de armas, vestimenta dotada das cores heráldicas do seu utilizador, populariza-se no séc. XIII. É no final deste século que começam a ser usadas algumas proteções de placas de metal, como as joelheiras e as grevas.

Cavaleiro mouro

O cavaleiro andaluz está equipado de forma muito semelhante aos seus congéneres cristãos, com capelo, gibão acolchoado, cota de malha longa, espada curta de lâmina reta, distinguindo-se dos primeiros pela tradição oriental de decoração com tecidos e faixas e uso de escudos redondos.

A aristocracia marroquina complementou o núcleo das suas tropas norte-africanas com recursos de todo o seu reino, desde a Arábia ao *al-Andalus*.

